

Casa de Ogum vira patrimônio histórico

Prefeitura de Salvador tomba único terreiro dedicado ao orixá no país

Gil Santos

REPORTAGEM
gilvan.santos@redebahia.com.br

Os filhos e filhas de santo do terreiro Okutá de Ògún, a Casa de Ogum, no Candeal, vestiram as melhores roupas e prepararam o templo para uma cerimônia especial ontem. Com cerca de 200 anos de história, o terreiro foi tombado como patrimônio histórico de Salvador, pela Prefeitura, por meio da Fundação Gregório de Mattos (FGM). O evento contou com autoridades públicas e o cantor e compositor Carlinhos Brown.

O tombamento começou em 2019. A cerimônia teve cânticos e orações, e um dos momentos mais emocionantes foi quando a Mãe Didi, a matriarca da casa que vai completar 103 anos no dia 24 de junho, segurou a certidão de tombamento nas mãos e observou com a atenção as palavras ali escritas.

“Me sinto honrada de chegar a esta idade ainda à frente desse espaço tão valioso para todos nós. Tenho a felicidade de participar de um momento ímpar com a lucidez garantida por Deus e os orixás”, afirmou a matriarca.

O ato significa a preservação da história. O prefeito Bruno Reis disse que o objetivo é salvaguardar as riquezas materiais, imateriais e arquitetônicas da cidade e con-

tou quais critérios são considerados para selecionar os terreiros: “A história e a importância do trabalho religioso, somado ao trabalho social e a influência que a casa tem nas comunidades. A gente vem reconhecendo os terreiros pela sua história e pelo tempo de existência. Então, a gente procura valorizar e tomba aqueles terreiros que são mais antigos e que têm uma tradição maior na nossa cidade”.

Durante o evento, ele assinou a ordem de serviço para a requalificação do campo de futebol da comunidade. A obra está orçada em R\$ 447 mil e tem prazo de 90 dias para conclusão.

HISTÓRIA DE AMOR

A origem do terreiro se deu quando uma princesa nigeriana se apaixonou por um negro que era escravizado. Ela comprou o terreno onde hoje fica o terreiro e libertou o rapaz. Eles realizaram o primeiro casamento na Igreja de Brotas e, ao oficializar a união no Brasil, passaram a ser chamados por Manoel Mendes e Josepha de Sant’Anna, conforme os ritos de batismo da Igreja Católica.

O marido presenteou a esposa com uma pedra, chamada Okutá, que havia trazido de África. A casa é o único espaço de culto a Ogum no Brasil, seguindo e mantendo os mesmos ritos como ocorre em África.

O cantor Carlinhos Brown



FOTOS DE ARISSON MARINHO



O terreiro tem 200 anos de história e fica no Candeal; a cerimônia ontem contou com Fernando Guerreiro, da FGM, o cantor e compositor Carlinhos Brown e o prefeito Bruno Reis

fez saudações ao orixá e disse que o tombamento é uma forma de defender o terreno da especulação imobiliária e de reafirmar a luta contra a intolerância religiosa.

“Essa pedra está aqui há mais de 300 anos na história da cultura baiana e brasileira. Hoje isso se condensa através de uma visão que é necessário preservar os nossos costumes e a força que essa identidade tem. Eu não seria nada e a Timbalada não seria nada, nada do que nós vivemos aqui sobre batuques e poesias seria nada sem isso”, disse.

A Casa de Ogum fica na pra-

ça Alcebiades Damasceno, cercada por residências, e trechos de áreas verdes. Ontem, o espaço ficou pequeno para a quantidade de público.

Religiosos de outros terreiros estiveram no local para festejar junto com os irmãos, como foi o caso do Babá Mambá, do terreiro Pilão de Prata, no Currallinho. “A relevância dessa ação, sobretudo, é a de resistência. Estamos aqui representando um legado ancestral. A cada momento e a cada palavra é um resgate de identidade negra, por isso, vim prestigiar esse momento”, disse ele.

●● Me sinto honrada de chegar a esta idade ainda à frente desse espaço tão valioso para todos nós. Tenho a felicidade de participar de um momento ímpar com a lucidez garantida por Deus e os orixás Mãe Didi
Matriarca da casa

●● A gente procura valorizar e tomba aqueles terreiros que são mais antigos e que têm uma tradição maior na nossa cidade
Bruno Reis
Prefeito da capital

●● É necessário preservar os nossos costumes e a força que essa identidade tem
Carlinhos Brown
Cantor e compositor

Três terreiros já foram tombados e mais um está na fila

Esse foi o terceiro terreiro tombado pelo Município, desde 2014, além da Pedra de Xangô, em Cajazeiras, considerada um templo sagrado para o povo de santo. As outras duas casas de matriz africana tombadas são o Ile Axé Kalé Bokun, em Plataforma, e o Vodun Kwe To Zo, no Curuzu.

O presidente da Fundação Gregório de Mattos, Fernan-

do Guerreiro, contou que existe um conselho responsável pelo estudo de cada bem ou tradição candidata ao tombamento e que outro terreiro está em processo de se tornar patrimônio histórico.

“A escolha depende de uma avaliação técnica feita por um conselho, formado por vários representantes ligados à área do patrimônio e da cultura. Um técnico, que pode ser um

antropólogo, historiador ou sociólogo, faz um dossiê. É construída uma defesa de cerca de 30 páginas que precisa ser aprovada pelo conselho e assinada pelo prefeito. No momento, temos outro terreiro em processo de tombamento, mas não posso comentar porque o estudo está em andamento”, afirmou.

Sobre a Casa de Ogum, a solicitação de tombamento

foi formulada pela Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro Ameríndia (AFA). Mãe Luiza Mangabeira, representante do terreiro, disse que o reconhecimento é uma forma de preservar a religião. “É uma conquista não só do espaço da Casa de Pai Ogum, mas da comunidade e de todo o povo de santo. Essa é uma luta de resistência, fé e perseverança. Agradecemos

a ancestralidade, a Exu e em especial ao nosso patrono, pai Ogum”, disse.

Ao final da cerimônia de tombamento ontem, houve festa, com direito a música, banho de pipoca e muita dança. Mãe Didi acompanhou tudo sentada, rodeada por filhas de santo, enquanto religiosos e visitantes acompanhavam com palmas o toque dos atabaques e agogós.